

GIOVANA PEREIRA DA SILVA AIROLDI

A GINÁSTICA ARTÍSTICA NA ESCOLA: UM ENCONTRO POSSÍVEL

CAMPINAS
1997



GIOVANA PEREIRA DA SILVA AIROLDI

A GINÁSTICA ARTÍSTICA E A ESCOLA: UM ENCONTRO POSSÍVEL

Monografia apresentada como exigência para obtenção do título de Licenciada pela faculda de Educação Física da UNICAMP, sob a orientação da Profa. Dra. Vilma Leni Nista Piccolo.

**Campinas
1997**

**A Luciano o meu companheiro durante anos de graduação,
obrigada pelo seu amor.**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de atividades físicas fundamentadas na Ginástica Artística, para ser desenvolvida em aulas de Educação Física Escolar. Esta modalidade de esporte tem sido trabalhada, ainda hoje, de maneira elitista, onde somente os talentosos têm possibilidades de aprimorar todo o seu potencial. As escolas, de acordo com pesquisas feitas, não reconhecem a importância da prática desta atividade porque ela ainda é tida como um esporte de alto nível e difícil acesso às crianças. A pesquisa está baseada no Projeto Crescendo com a Ginástica, desenvolvido pela Faculdade de Educação Física da Unicamp, para crianças da comunidade. Fundamenta-se em propostas lúdicas, onde os elementos básicos de Ginástica Artística são trabalhados, visando não só um aumento do vocabulário motor da criança, como também o aprimoramento de toda a sua potencialidade, respeitando suas capacidades e limitações. Teoricamente apoiado em LEGUET, o trabalho oferece diferentes possibilidades de ampliar o conhecimento real da criança. Para tanto, é desenvolvido uma metodologia específica, a fim de que possa atingir os objetivos educacionais traçados previamente. A aplicação deste trabalho em escolas mostra-se viável, quando as ações dos professores forem determinadas por procedimentos pedagógicos adequados à faixa etária, atendendo às expectativas trazidas pelas crianças. Os resultados obtidos com esta pesquisa podem comprovar, de um lado o quanto estas propostas conseguem contemplar as necessidades básicas da criança, e de outro a possibilidade que elas oferecem de um crescimento adequado em vários domínios do comportamento.

SUMÁRIO

Apresentação	1
1. A Educação Física Escolar	3
1.1. A importância do movimentar-se na idade escolar	7
1.1.1. As relações da criança com o mundo	7
1.1.2. O desenvolvimento motor da criança	8
1.1.3. A relação entre a escola e o corpo	10
1.1.4. A questão do lúdico na escola	12
2. A ginástica Artística	14
2.1. A proposta de Jacques Leguet	17
3. Projeto Crescendo com a Ginástica - Relato de Experiência	24
4. Proposta de Aplicação do projeto Crescendo com a Ginástica na Escola	28
5. Referências Bibliográficas	31

APRESENTAÇÃO

A minha grande experiência em Ginástica Artística, mais conhecida como Olímpica, é a razão que me leva a escrever esta monografia. Foi a partir da minha vivência que vim buscar na graduação em Educação Física o conhecimento necessário para me tornar uma profissional deste esporte, em cuja prática me dediquei durante anos. Com a idéia de difundir a Ginástica Artística, para que, cada vez mais, um número maior de pessoas possa vivenciá-la, é que me volto para a escola. A meu ver, é a Instituição Escolar que poderá, teoricamente, atingir todas as crianças, levando-as a uma prática educativa, através da Ginástica.

Este trabalho procura mostrar a importância e a possibilidade da prática da Ginástica Artística (G.A.) como conteúdo das aulas de Educação Física escolar. Para tanto, são discutidos alguns aspectos: a escola, a G.A. e uma proposta pedagógica fundamentada nos estudos de Jacques Leguet, que tem sido vivenciada no “Projeto Crescendo com a Ginástica” da Faculdade de Educação Física (F.E.F.) da UNICAMP. Com uma visão diferenciada desta modalidade de esporte, pretende-se apontar diretrizes para aplicação deste projeto na escola.

Os treinamentos de G.A. que pude experimentar na minha vida de atleta tinham objetivos competitivos. Em função disso, não são possíveis, no meu entendimento do papel da Educação Física na escola, ser aplicados num ambiente escolar, onde o direito à prática é de todos.

Neste projeto, acima mencionado, da F.E.F. - UNICAMP, visa-se um trabalho de G.A., que oportuniza à todos a participação, explorando diferentes maneiras de movimentar-se, sem a preocupação com o alto

desempenho, onde a perfeição técnica dos elementos é fator primordial. Portanto, a sua aplicação na escola torna-se possível, face aos pressupostos filosóficos e pedagógicos que permeiam todo o trabalho. É preciso, primeiramente, compreender um pouco mais sobre a modalidade esportiva em questão.

1. A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A prática de atividades físicas de forma sistematizada está relacionada com a sociedade moderna, de certo modo, pois com o crescimento urbano e a industrialização, ela passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, apenas com locais e horas determinados, e com auxílio de profissionais. Neste contexto, a Educação Física passa a ter maior importância, pois torna-se uma forma institucionalizada desta prática.

Ao longo do seu processo histórico, a Educação Física vem sofrendo transformações. Em diferentes momentos, conotações diferenciadas foram dadas a esta disciplina escolar. Com base no Coletivo de Autores (1992) são apresentados, a seguir, momentos relevantes deste processo.

No final do século XVIII e início do século XIX, os exercícios físicos têm fundamental importância, pois a força corpórea era uma mercadoria e uma “ferramenta de trabalho”. Esta visão se refletia na escola, com aulas que visavam, apenas o aprimoramento das capacidades e habilidades físicas. O interesse era a produção de homens mais fortes, e, portanto, mais produtivos.

Um pouco mais tarde, logo após a Segunda Guerra Mundial, o esporte passa a ser muito divulgado e massificado, voltando-se para competições. A busca de rendimento estabelece assim, um outro tipo de “guerra” entre os indivíduos, pois a força era produzida no esporte. Este momento faz com que, nas escolas, seja priorizado um conteúdo exclusivo de aprimoramento de capacidades, desenvolvido nas aulas de Educação Física. O esporte escolar era tratado nos mesmos moldes de uma instituição esportiva, buscando alto rendimento. Sem a preocupação de se adequar a prática esportiva ao contexto educacional da escola, deixava-se claro o interesse pelo desempenho.

Estes dois momentos apresentados parecem refletir, ainda hoje, na maneira como esta disciplina é oferecida na escola. Mas afinal, o que é e qual é o papel desta escola a que nos referimos?

A escola, nada mais é do que um local socialmente construído, através de normas, que “organiza o saber”. Este saber, apropriado pela escola, é o conhecimento científico, que ela organiza de forma pedagogizada para facilitar a apreensão deste pelo aluno. E segundo o Coletivo de Autores (1992; 24), a pedagogia é:

“a teoria e método que constrói os discursos, as explicações sobre a prática social e sobre a ação dos homens na sociedade, onde se dá a sua educação que é uma prática social de um dado momento histórico.”

A Educação Física, inserida na escola, deve comportar-se assim também, isto é, organizando os seus conteúdos de forma sistematizada para contemplar a instrução do saber que a ela compete.

Segundo Freire (1991) apesar de haver um entendimento em relação a necessidade e importância da atividade física para a criança, como um dos pontos cruciais para a sua educação global, parece que o descaso da disciplina escolar Educação Física, é ainda maior que a sua relevância.

Recentemente a Educação Física tem sido estudada para atender melhor aos interesses e necessidades das crianças, por estudiosos de diversas linhas de pesquisas da área. Até então, a questão do desenvolvimento de capacidades físicas e a aplicação das modalidades esportivas têm sido o centro do olhar que é dado à esta disciplina. Mas, este modo de pensar a Educação Física permite a redução, é negar a própria cultura corporal. Existe uma construção histórica desta cultura corporal, que é resultado dos

conhecimentos produzidos pela sociedade, e acumulados ao longo do tempo, que devem ser transmitidos na escola.

Os conteúdos das diversas matérias curriculares emergem de conteúdos culturais contemporâneos incorporados socialmente, eleitos pela instituição escolar como relevantes para desenvolver o conhecimento do aluno. A escola é, teoricamente, o único veículo social que poderia atingir todos os cidadãos de forma igual. A Educação Física é uma das disciplinas que compõem o curriculum escolar, e que trata pedagogicamente da cultura corporal, segundo o Coletivo de Autores (1992). Os componentes desta cultura são os jogos, a dança, os esportes, a ginástica e as lutas, que são manifestações historicamente construídas pela cultura humana. Estes conteúdos podem ser organizados de diversas maneiras nos programas curriculares.

O Grupo de Trabalho Pedagógico da UFPe e da UFMS analisando formas de trabalhos desta disciplina, através de uma leitura crítica de propostas de aulas atuais de Educação Física, estabelece a existência de dois grupos. O primeiro grupo de aulas, um relato de aulas mais atuais, é uma organização denominada “fechada” por padronizar movimentos, centrada na figura do professor, no qual a criança “aprende” gestos mecanizados inconscientemente. O outro grupo é denominado de “aulas abertas”, no qual os alunos, juntamente com o professor, constroem o conhecimento, pensando a Educação Física como uma compreensão de um fato social. Aqui, a criança tem espaço para criar, interagir, construir...

As “aulas abertas” são consideradas como ideais para a construção de um ser humano crítico e integral, onde o corpo é muito mais que um “abrigo” para o intelecto. Para Freire (1991) devemos olhar o corpo como um todo, sem “retalhá-lo” em grupos e aspectos: cognitivo, afetivo, social e motor.

A escola deve ser um espaço de possibilidade de desenvolvimento deste “todo” indivisível. Para tanto, a Educação Física, tem um papel importante ao contribuir com o aprimoramento das potencialidades de cada criança, através de propostas de uma cultura corporal.

1.1. A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTAR-SE NA IDADE ESCOLAR

1.1.1.AS RELAÇÕES DA CRIANÇA COM O MUNDO

No mundo contemporâneo, muitas são as causas detectadas que podem estar contribuindo negativamente para o desenvolvimento motor de uma criança, incluindo o próprio meio que ela vive. A ausência de espaço físico em moradias, os “lazers tecnológicos” (televisão; vídeo games; computadores;...), as distâncias de clubes e áreas públicas de lazer e até mesmo a violência são obstáculos para que a criança possa explorar seus próprios movimentos com maior liberdade.

O corpo, nesta situação, passa a ser passivo, sem contato com diversificações de espaços físicos, e ainda com outros corpos. Para a aprendizagem motora faz-se necessário o estabelecimento de inúmeras relações do corpo com diferentes meios.

Este corpo passivo é colocado também, no mundo capitalista, como um corpo produtivo. Muitas vezes, o corpo produtivo é dicotomizado em uma parte física, com gestualidade mecânica, e outra resumida à produção intelectual.

O corpo não pode mais ser pensado só como um instrumento de rendimento, tanto rendimento físico como mental. Segundo Guedes apud Moreira (1995) este corpo não é uma somatória de partes e sim um conjunto que se integra e se inter-relaciona, estabelecendo relações de interdependência para diversas funções.

Nos primeiros meses de vida, a criança estabelece relações com o mundo só através de ações motoras. O contato com o meio favorece as relações que subsidiam o seu desenvolvimento também intelectual. A criança, então, até uma certa idade é puro movimento, tudo o que faz, pensa e sente é através dos movimentos. A linguagem corporal passa a ser um elo de ligação entre a criança e o mundo, que é dependente também da cultura na qual o indivíduo está inserido. Portanto, as expressões corporais de uma criança são o fruto do seu próprio meio, e ela se desenvolve como pessoa a partir das inter-relações estabelecidas por si e pelo seu grupo com o mundo.

As relações indivíduo-mundo, de uma criança, são espontâneas e organizadas na forma de fantasia que ela mesma cria. Mas, na visão atual de um corpo reprimido, este tipo de relação está dando lugar a um outro veículo: o da produtividade. O brincar da criança vem sendo colocado como “não-produtivo” pelo adulto, que passa a restringir a brincadeira aos momentos específicos e pré estabelecidos. Desta maneira, as fantasias e o universo da criança acabam sendo moldados numa forma conveniente para o adulto. E o que será que a criança ganha com isto?

1.1.2. O DESENVOLVIMENTO MOTOR DA CRIANÇA

Um estudo desenvolvido por Airoidi (1995) compara duas linhas de pesquisas ^{pedagógicas} sobre a Educação Física, a linha desenvolvimentista e a linha construtivista. Aspectos convergentes entre estas duas abordagens foram encontrados, levando-nos a entender que o corpo pode ser olhado de prismas diferentes na sua unicidade. Algumas dessas considerações são colocadas a seguir:

- quanto ao comportamento do indivíduo: - ao nascer, ambas as linhas compreendem que o ser humano é puramente motor, e que, segundo os contrutivistas o raciocínio viria justamente com a interação homem-meio através de experiências vividas. Os desenvolvimentistas pensam na evolução através de um amadurecimento do sistema nervoso central, mas que se aprimora também com a interação homem-meio;

- quanto ao desenvolvimento motor do indivíduo há um consenso em relação à formação das habilidades, pois aparece como ponto principal a interação da criança com o meio-ambiente, que deverá se dar através da busca de soluções de problemas.

As duas correntes referem-se à importância da exploração do movimento para estabelecer maiores relações da criança com o meio. Num primeiro momento, a comunicação acontece através de ações até que se aprenda a falar, depois a ler e a escrever. Os problemas, em primeira instância são solucionados através da forma mais familiar de se relacionar com o mundo, o universo motor, primeiramente reflexo e mais tarde com movimentos elaborados. Então, quanto maior for a vivência motora da criança, maior será a sua gama de experiências levando-a a uma interação mais fácil com o mundo. Freire (1991; 56) ressalva que:

"Desenvolver a motricidade não é apenas apresentar maior rendimento em determinadas habilidades. No meu entender, bem mais que isso, significa adquirir melhores recursos para se relacionar com o mundo dos objetos e das pessoas."

Pode-se perceber que independentemente da linha pedagógica que se adote, algumas questões são relevantes para um desenvolvimento ideal da criança, como: o desenvolvimento no plano motor, a questão da exploração e

a solução de problemas para a aquisição de um leque maior de experiências. São contributos para a formação de um ser integral.

1.1.3. A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E O CORPO

A escola ainda é entendida como um lugar onde as crianças deveriam ir no intuito de desenvolver o intelecto, e assim servirem para o aumento da produção “exigida” socialmente. O corpo é visto como um “abrigo” para a inteligência, é considerado somente um mecanismo biológico. Daólio (1995; 94) reforça a mudança desta idéia quando coloca:

“ Pensando o corpo como exclusivamente biológico, os professores entendem-no como natural, como se fosse anterior à cultura e , portanto, o mesmo em todo e qualquer lugar. Em decorrência dessa suposição, eles negam que os alunos chegam à escola possuindo técnicas corporais, que por isso mesmo, devem ser-lhes ensinadas.”

O corpo que se educa é um corpo que aprende, antes de tudo, com a cultura. O homem não é um ser só racional, só social, só animal, ele é um conjunto integrado à cultura.

Na disciplina Educação Física os conteúdos a serem ensinados são eleitos levando em consideração padrões culturais, que muitas vezes não são o universo da cultura local a qual a aula se aplica, ou ainda não fazem parte da cultura corporal da criança. Deve ser considerado ao menos que a criança já tem uma cultura e que diferentes faixas etárias correspondem a diferentes níveis de amadurecimento psico-social.

A criança, ao iniciar a sua vida escolar, parece ter um rompimento com o que já fora vivenciado antes deste ingresso. Compreendendo que este fato ocorra por volta dos 7 anos de idade, ela tem como forma de exploração e comunicação o mundo da brincadeira. Segundo o autor desenvolvimentista Gallahue, citado por Guiselini (1985), a criança desta idade está na fase dos movimentos fundamentais, ou habilidades básicas que são as formas de correr, saltar, arremessar, receber, rebater, quicar, chutar, trepar, etc., e suas infinitas variáveis de combinação. Este é o momento em que a criança deveria estar envolvida ativamente na exploração e experimentação de formas motoras, é tempo de descobrir como desempenhar movimentos, o que não depende somente da maturação biológica, mas também das oportunidades que tem para aprimorar as suas potencialidades motoras.

Para o construtivista Piaget, citado por Freire (1988), a criança aos 7 anos estaria num estágio de desenvolvimento chamado pré-operatório, intuitivo ou simbólico. A criança passa a compreender o que faz, deixando de ser somente um órgão executor. Neste momento é interessante que a criança seja oportunizada a vivenciar uma gama grande de movimentos, para que seja possível a compreensão desses movimentos, e assim possa aumentar a sua relação com o meio. Então, por que não apresentar para a criança uma Educação Física onde ela possa explorar seus movimentos, de forma motivante, desafiadora, e que parta do conhecimento natural já adquirido nos primeiros anos de vida? Por que pensar em formas já estruturadas, deixando de dar atenção à criatividade?

1.1.4.A QUESTÃO DO LÚDICO NA ESCOLA

A escola, de um modo geral, parece rejeitar a bagagem motora e cultural que a criança adquire anteriormente ao seu ingresso no ambiente escolar. Segundo Marcellino, apud Regis (1996) o aprendizado pode ser visto como um “jogo de saber”, praticado em qualquer espaço social, não sendo necessária uma sala de aula para que ele aconteça. O autor estabelece, então, uma relação entre as palavras escola e lúdus. Esta tem o seu sentido relacionado ao jogo, ao divertimento. Extrapolando esta relação, inclui também a escola como uma extensão do sentido mais amplo da palavra, por que é ali, institucionalmente, que se estabelecem relações com o “jogo do saber”.

Mas, o brincar, muitas vezes, não é considerado como forma de apreensão de conhecimento. Para alguns professores, este modo de pensar pode interferir até mesmo no processo de desenvolvimento da criatividade e espontaneidade da criança, já iniciado quando se busca apenas um desenvolvimento “produtivo”, isto é, olhar a criança como um adulto em miniatura.

O brincar da criança nem sempre é respeitado, passando a ter momentos previamente determinados como “adequados e restritos” para poder acontecer, pois ele não é visto como instrumento de ação pedagógica para a produção que a sociedade “exige”. O jogo, a brincadeira, como afirma Marcellino apud Regis (1996; 64), não são “elementos perturbadores da ordem”, ao contrário, há sempre uma ordem respeitada por todos, pois é elaborada em conjunto. O que ocorre, muitas vezes, é um chamado “jogo do poder”, no qual as regras são estabelecidas somente pelo professor, e é esse o

jogo que “não funciona”. O autor ainda, complementa com a frase “ *a seriedade procura excluir o jogo, ao passo que o jogo pode muito bem incluir a seriedade!*” É preciso, portanto, considerar o componente “brincadeira” que a criança traz para a escola.

Os conteúdos da cultura corporal, ao serem vivenciados, então, deverão emergir da experiência e da realidade que o aluno tem para poderem ser aprofundados num saber mais elaborado. Isto implica em respeitar o componente lúdico inerente à qualquer criança.

A atividade lúdica tem características de ser prazerosa, entusiasmante e sem apresentar carácter produtivo, em termos materiais. Cada aluno estabelece um tipo de relação e ritmo com as atividades propostas. É importante salientar que nem sempre, uma mesma atividade é igualmente prazerosa para todos.

O que parece é que a Educação Física não tem aproveitado a riqueza do espaço que tem, dos conteúdos e materiais que possui para a utilização do lúdico, em favor de uma meta de performance esportiva. Esta disciplina já tem um sentido lúdico nos seus próprios conteúdos, basta propô-los de forma adequada.

Pensar numa Educação Física que respeite a criança é oportunizar o aluno a refletir o seu corpo, a relacioná-lo aos outros corpos e ao meio ambiente, a vivenciar inúmeras formas de se movimentar, levando em consideração os ritmos individuais. É ainda, analisar as necessidades e desejos da criança, buscando o prazer e a participação através da promoção do lúdico.

2. A GINÁSTICA ARTÍSTICA

A ginástica nas suas origens era uma forma de exercitar o corpo. Movimentos naturais do homem como saltos, corridas e lançamentos foram evoluindo para formas construídas e esportivizadas, influenciadas por diferentes culturas. A Ginástica Artística tem origem destas manifestações naturais, na Europa de 1800. Seu primeiro momento é de uma disciplina de aptidão física rigorosa.

Hoje, ela é uma maravilhosa combinação de arte e corpos atléticos, que se expressam numa infinidade de movimentos, exibindo flexibilidade, equilíbrio, velocidade, agilidade, coordenação, entre outros.

A Ginástica Artística competitiva envolve aparelhos de grande porte. Os aparelhos femininos são o solo, o salto sobre o cavalo, as paralelas assimétricas e a trave de equilíbrio, num total de quatro; os masculinos são o solo e o salto sobre o cavalo, também tem as argolas, o cavalo com alças, a barra fixa e as paralelas simétricas, totalizando seis. Basicamente esta modalidade esportiva se constitui numa forma particular de se movimentar nestes aparelhos. É na relação do corpo com esses aparelhos que o indivíduo pode executar diversas posições no espaço.

A ginástica é uma atividade que se fundamenta em movimentos naturais, os quais são desempenhados com desprendimento pelas crianças. Elas demonstram gostar desta prática em função das acrobacias que possibilitam desafios e sensações prazerosas. Então, é uma nova gama de experiência, nas quais as crianças podem extrapolar as posições corpóreas adotadas no dia-a-dia. São formas de exercitação diferenciadas em confronto com as tradicionais.

Esta modalidade é entendida, atualmente, como uma forma elitista e competitiva, mas ao identificarmos as formas motoras das quais a modalidade se “apropria”, podemos perceber um novo sentido, uma infinidade de movimentos... Um sentido em que os alunos vivenciem estas inúmeras e ricas ações motoras que a ginástica pode oferecer, de modo a não se fixar nos movimentos padronizados, em modelos de perfeição do esporte.

A partir de um estudo feito por Nista-Piccolo (1988) foi possível detectar que o conteúdo ginástica não estava sendo aplicado nas redes municipal, estadual e particular da cidade de Campinas, na primeira fase do primeiro grau, o que equivale à faixa etária de 07 a 10 anos de idade. Constatou-se que os “problemas” apresentados foram: a falta de conhecimento da ginástica artística por parte dos professores responsáveis, para poder aplicá-la, além de que alguns deles não tinham, ao menos, o interesse em fazer cursos para um maior aprimoramento na área; algumas escolas não possuíam nenhum material, outras com pouco e poucas com algum. Um ponto importante a ser destacado é a visão de alguns professores que não conseguem pensar a ginástica na escola, sem objetivar a competição.

Nista-Piccolo (1988; 124) ainda coloca que:

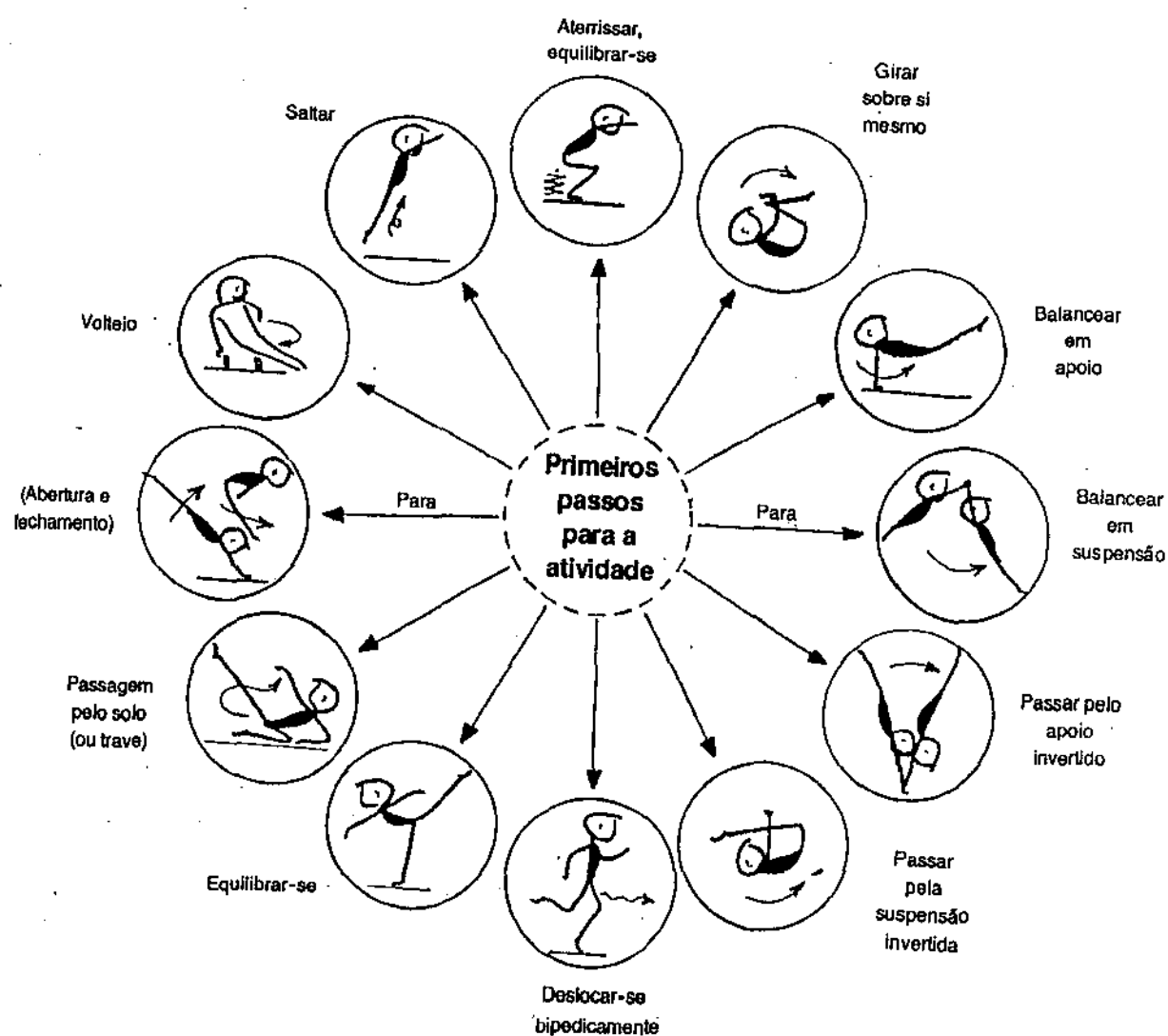
“Lamenta-se que a qualidade de ensino dependa das condições que a escola oferece. Se o local e material são fundamentais para a prática dessas atividades, muito mais importantes são os movimentos naturais que a criança precisa explorar dos 07 aos 10 anos de idade. Este aspecto depende mais da vontade, do interesse, da capacidade de criação do professor, do que propriamente de condições adequadas.”

Já o Coletivo de Autores (1992) coloca que o excesso do esportivismo atrelado à idéia desta modalidade aos moldes competitivos, com aparelhos e instalações num estilo denominado “olímpico”, desestimula o professor a ensinar ginástica. Mas, quando superados estes pré-conceitos, o que ocorre é o sexismo ^{*} segundo a prática nos aparelhos, e a esportivização fixada por modelos de movimento.

Para ilustrar a possibilidade de superação destas idéias formadas em relação à prática da modalidade, busca-se fundamentos no autor Jacques Leguet (1987), que propõe a prática da ginástica artística a partir de formas simples.

2.1. A PROPOSTA DE JACQUES LEGUET

A proposta de Jacques Leguet (1987) para a modalidade Ginástica Artística é baseada no que ele denomina de “primeiros passos”. Os “primeiros passos” são ações gímnicas básicas que servem de alicerce para o desenvolvimento de movimentos mais elaborados, são ações manifestadas em atividades que podem ser diárias, exercidas na rua, em casa ou na escola, ações como: saltar, rolar, girar, suspender-se, inverter o corpo, etc. Estas ações combinadas entre si, de forma variada, constituem toda a gama possível de elementos apresentados pela Ginástica Artística. Então, tanto um campeão olímpico quanto uma criança iniciante, tem uma mesma base que está relacionada com os “primeiros passos”. O que ocorre é um rearranjo das ações básicas o que torna um elemento a ter um grau maior de complexidade, de dificuldade.



Existe ainda, além destas ações colocadas pelo autor, um movimento não relacionado que foi detectado pela Equipe Universitária de Estudos da Ginástica (EUNEGI), da Faculdade de Educação Física, da UNICAMP, para completar este quadro, que é o **rolar em si mesmo**.

Estas ações motoras básicas suportam a especialidade até da forma esportivizada, e cada uma delas deverá ser considerada, segundo Leguet (1987;11/12), como:

" - formando uma totalidade estruturada significativa para o indivíduo na relação que ele mantém com o aparelho e o contexto;

- constituindo uma unidade comportamental, que pode ser abrangida transformando-se e diferenciando-se de acordo com os níveis de prática."

A partir da proposta de movimentos isolados, este autor coloca a importância e a variedade de elementos a serem "organizados", tendo como base, pelo menos, duas das ações básicas, sobrepondo-as, como por exemplo ao se combinar o saltar, o rolar e o aterrissar poderá ser executado um mortal. Esta organização das ações, juntamente com os aparelhos, constituem a essência da Ginástica Artística.

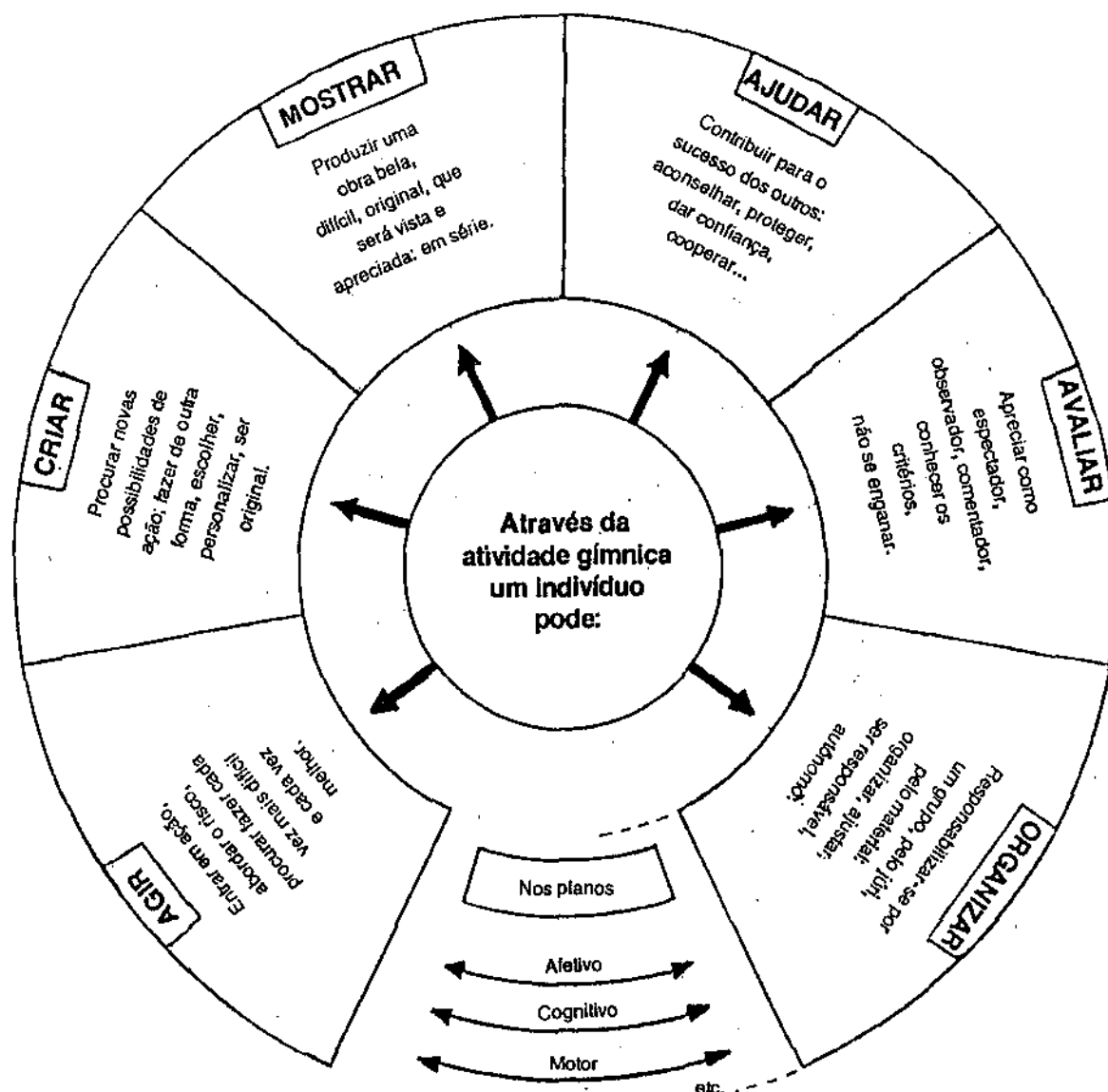
É importante também a consideração feita a respeito da bagagem motora que a criança já tem, e que poderá ser trabalhada naturalmente, na visão deste autor.

As respostas motoras de um indivíduo são o fruto da motricidade que ele dispõe; ao proporcionarmos uma bagagem maior de movimentos, a criança é capaz de acomodar-se às novas situações, com uma coerência maior diante de um obstáculo. A intenção é dar ao indivíduo meios, através dos

quais, possa ter um controle maior de ações, e assim uma eficácia durante a realização de tarefas motoras.

A atividade da Ginástica Artística, apesar de parecer individual, pode ser vivida também em conjunto, segundo Leguet (1987), compreendendo múltiplas dimensões, nos planos: afetivo, motor e cognitivo. São elas:

- **mostrar** - produzir um movimento, uma combinação, que pode ser apreciada por colegas ou público;
- **ajudar** - trabalhar em conjunto, ajudar num exercício mais complexo, aconselhar;
- **avaliar** - saber apreciar, observar um companheiro, conhecer critério de como avaliar;
- **organizar** - organizar os aparelhos para maior segurança, organizar-se dentro da aula, trabalhos em grupo;
- **agir** - participar da aula, procurar cada vez mais a auto superação dentro das possibilidades de cada um;
- **criar** - procurar a forma pessoal de executar, criar novas formas, escolher.



Alguém, p. 01

O autor tem uma visão global da ginástica porque coloca a sua prática relacionada tanto às ações motoras como às dimensões humanas, acima citadas. A abordagem que ele dá a esta modalidade é que ela seja:

“considerada do ponto de vista das ações e coordenação de ações inevitavelmente praticadas em aparelhos, assim como um processo “genético” centrado na motricidade, no processo de transformação, dos indivíduos ativos.” (p. XIII)

Na escola, esta prática favorece novas experiências perceptivas, a fim de promover o enriquecimento do esquema corporal. A proposta pedagógica para esta prática é baseada num processo de diversidade de ações e combinações, além das variações possíveis em função dos aparelhos, sendo que cada um possui as suas particularidades. Os aparelhos podem ser de suspensão e de apoio. Esta variação permite não só o aperfeiçoamento de ações como também o favorecimento da diferenciação destas ações, como o sentido (direção, lateralidade), a postura e a inter-relação entre os elementos.

A cada nova proposta motora é causado um novo “desequilíbrio”, isto é, um novo problema a ser resolvido através do corpo. As atividades devem ser baseadas nestas novas descobertas, e também com ajuda mútua entre as crianças envolvidas.

A prática pedagógica, proposta por Leguet (1987), baseia-se, além dos “primeiros passos” e da relação entre eles, em alguns outros pontos:

- a importância do interesse pela prática ser gerado pelos próprios alunos;
- incentivo à criatividade, construindo um ambiente harmonioso e favorável para o desenvolvimento;
- o estímulo à prática desenvolvido por uma pedagogia centrada mais na exercitação do corpo, através de formas de exploração, do que em explicações orais;

- a variação de situações, solicitando dos alunos muitas adaptações comportamentais.

Para que isto ocorra inúmeras propostas poderão ser feitas, variando os materiais, da própria modalidade ou se utilizando dos alternativos auxiliares. Combinar diferentes variações de alturas e distâncias. Trabalhar com diversas combinações de ações primárias, aquelas apontadas por Leguet (1987), ou ainda entre os elementos em si, e nos diferentes aparelhos, isto é, um mesmo elemento executado em diversos aparelhos, como por exemplo um rolamento no solo e o mesmo rolamento na trave de equilíbrio. Proporcionar variações de ritmo, e buscar a consciência do movimento exercitado, propondo atividades em que consigam distinguir as posições corpóreas adotadas durante a execução do elemento: estendido, grupado, afastado, etc.. Dinamizar situações diferentes com um mesmo elemento, como por exemplo, uma parada de mãos : com ou sem ajuda de um companheiro, com auxílio da parede ou sozinho, e também executada nos diferentes aparelhos.

Para Leguet (1987) a Ginástica Artística deve ser oportunizada na escola por proporcionar, através da sua vivência, as seguintes estruturas :

- a utilização dos membros inferiores e superiores como alavanca de suporte, isto é , além do apoio feito nos membros inferiores há também uma passagem pelo apoio invertido, onde o suporte é feito pelos membros superiores;
- com informações significativas para evoluir nas três dimensões do espaço, é possível trabalhar diferentes direções;
- a passagem de movimentos estáticos para movimentos dinâmicos e vice-versa, controlando o equilibrar e o reequilibrar;

- a associação dos segmentos corporais, visando compreender o corpo não como um bloco único, mas com todos os seus segmentos que podem se movimentar diferentemente numa mesma ação;

- a exploração da força buscando o seu controle bem como o controle da força do peso, como por exemplo num salto ou numa suspensão;

- trabalhar diversas ações motoras, independentemente da perfeição, e suas relações. Os movimentos gímnicos quando ligados, como por exemplo a ligação de dois, como uma parada de mãos rolando, isto é, não se separa o final do apoio invertido e o início do rolamento. Esta ligação possui um início que é do primeiro exercício e um fim que é do segundo exercício, na intersecção deles perde-se o marco que determina o fim do primeiro e o início do segundo.

Estas estruturas, estudadas pelo autor, são de fundamental importância para um adequado desenvolvimento motor da criança, e deveriam estar presentes nas aulas de Educação Física. Um programa desta disciplina deve considerar as expectativas da faixa etária que está relacionada com a exploração e com os desafios. A aplicação destas propostas fundamentadas em Leguet (1987) é viável, como se pode comprovar a eficácia do Projeto Crescendo com a Ginástica, que é uma experiência de sucesso e que poderá ser transportada para a escola.

3. PROJETO CRESCENDO COM A GINÁSTICA - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Segundo Azémar, que prefacia a obra de Jacques Leguet (1987;X), a criança é :

"... fruto de seus feitos, ela se estrutura através de suas ações, revelando assim as fontes que esperam apenas a ocasião para se expressar. Certas oportunidades humanas só se manifestam quando provocadas na época oportuna e em condições adequadas."

Isto resume o que já foi constatado, sobre a necessidade de se proporcionar à criança uma grande variedade de movimentos, já que também a atividade motora é inerente a ela. Esta atividade é ainda mais necessária quando se toma como base a criança de hoje, que perdeu o seu espaço físico de brincadeiras e ganhou um computador.

De acordo com Nista-Piccolo (1993) o projeto, que ora se apresenta, busca fundamentar o seu programa em vivências corporais através das quais cada indivíduo poderá ampliar o seu vocabulário motor. É o Projeto Crescendo com a Ginástica (P.C.G.), uma experiência que vêm sendo realizada nos últimos 10 anos, na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob a coordenação da Prof. Dra. Vilma Leni Nista-Piccolo e com a atuação de alunos da graduação e pós-graduação na função de monitores desta prática. São propostas fundamentadas na Ginástica Artística e Ginástica Rítmica Desportiva, oferecidas às crianças da comunidade, na faixa etária dos 04 aos 12 anos, de ambos os sexos.

Como este estudo procura fundamentar a Ginástica Artística enquanto conteúdo da Educação Física escolar, a relação estabelecida com o P.C.G. será restrita a esta modalidade.

Alguns pontos são relevantes na aplicação deste Projeto, fatores que permeiam a sua prática. Primeiramente as questões relacionadas a Leguet (1987), já comentado no capítulo 2, que se destaca neste trabalho. Há ainda características particulares em relação à metodologia do ensino desta modalidade.

O processo de aprendizagem é sustentado pelas teorias de Vigotsky, apresentando perfeita relação com os procedimentos metodológicos adotados no projeto.

Este processo percorre um grande caminho até que cada movimento ou habilidade seja executada. Os estímulos a serem dados são baseados em processos internos maturacionais, o que num primeiro momento se executa com uma ajuda externa (professor, colegas, material auxiliar,...), para num segundo momento se executar sozinho, e assim existirá uma construção básica para novas formas.

A criança deve percorrer este caminho do aprendizado. A intervenção do professor deverá tomar como ponto de partida o nível de desenvolvimento de cada indivíduo. O papel do professor é, a partir deste princípio, planejar diferentes situações que visem o processo de aprendizagem, tendo em vista a construção e a reconstrução do conhecimento, e que passa por etapas como o descobrir, inventar, re-descobrir e criar, segundo Santos (1993). Esta construção é consequência de desequilíbrios causados por propostas a serem superadas, mas sem perder de vista a questão da compatibilidade do nível da criança que está envolvida na atividade.

Estimular desafios em forma de atividades já é uma característica da própria modalidade Ginástica Artística. Deve-se pensar nesta prática a partir de propostas que contemplem a diversidade e os variados níveis de amadurecimento, nos quais os alunos se encontram, apesar de estarem numa mesma sala de aula. Diversificar é estimular o aluno à criatividade e a auto-superação. É neste ponto que entra a questão metodológica do P.C.G., que é de fundamental importância para o desenvolvimento da criança de forma integral.

A metodologia utilizada fundamenta-se em três pontos que são passos a serem seguidos para que ocorra uma descoberta do corpo e uma construção de conhecimento.

No princípio são colocadas atividades baseadas na descoberta individual proporcionando à criança a espontaneidade, permitindo a expressão de cada um. Assim, as diferenças entre as bagagens que acompanham cada aluno pode diminuir. As propostas são feitas através de temas, como por exemplo: o rolar, o saltar o girar, etc. utilizando-se dos “primeiros passos” propostos por Leguet (1987), vistos na figura 1, página 17. É aqui que a criança vai saltar de diversas maneiras, inventar o seu próprio salto, explorando o espaço.

Num segundo momento, os temas deverão ser respondidos de maneiras mais precisas, com propostas, ou pistas colocadas pelo professor. Neste momento ainda não existe um direcionamento da atividade, mas não se perde de vista o objetivo final traçado pelo professor. A criança continua explorando formas do corpo no espaço mas se antes ela saltava conforme o seu próprio desejo, agora com a(s) pista(s) dada(s) pelo professor, a gama de movimentos passa a ser mais restrita. Por exemplo, “saltar com os dois pés

juntos”, a criança saltará de diversas maneiras: frente, lado trás, girando, etc, mas com os dois pés unidos.

Num terceiro, e último momento, é que se organiza um direcionamento da atividade ou movimento. Agora, é preciso se esgotar as possibilidades do tema proposto. O professor assume um papel ^{intervém de forma a direcionar} mais atuante do que nos momentos anteriores, e intervém para que o objetivo seja atingido, como por exemplo, saltar com os dois pés e com o corpo estendido. Ele parte das observações feitas nos momentos anteriores,

Este caminho percorrido nas aulas pode ser rico e dinâmico, mas cabe ao professor saber conduzir a aula, lidando com estes três momentos, observando sempre para poder determinar o tempo necessário de cada um.

4. PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO P.C.G. NA ESCOLA

Segundo Leguet (1987), uma proposta pedagógica para a educação física escolar deve partir de um “espírito explorador” que estimule um “correr risco”, porém controlado, realizando atividades e graus de dificuldades de acordo com o êxito de cada um; a questão da auto-superação, partindo dos níveis menos complexos para níveis mais complexos, ou seja, “personalizar” a atividade, criar, inventar um modo próprio de agir.

A atividade gímnica, para este autor, pode ser um caminho para que sejam atendidas algumas das questões levantadas em relação a expectativa das crianças com a Educação Física escolar. Para tanto, basta que se respeite as leis do crescimento e amadurecimento individuais.

Segundo o Coletivo de autores (1992) as modalidades esportivas, assim como a G.A., tem uma dimensão complexa de códigos e regras que sustentam significados sociais da sua prática. Por isso, o esporte ao atender a instituição escolar deve ser abordado de forma que faça parte da escola, num sentido próprio desta instituição, e não seja meramente uma transposição de como ele ocorre fora dela, com regras institucionalizadas. Então, o esporte da escola deve ter um caráter particular e de instituição, de conhecimento de um conteúdo específico da área de Educação Física. A instituição deve trabalhar este fenômeno numa busca de superação e não da negação de sua prática. A presença da G.A. num programa, então, permite através da sua prática, uma liberdade em vivenciar ações corporais próprias.

A G.A. é prazerosa pelas suas estruturas e segundo Nista-Piccolo (1995), quando um indivíduo está em níveis de motivação adequados, a superação de dificuldades na realização de um movimento pode ser facilitada.

E, segundo Porto apud Moreira (1995), é a partir do momento no qual o processo ensino-aprendizagem é caracterizado pela participação tanto do aluno como do professor, com troca de experiências e construções conjuntas, que o aluno cresce enquanto pessoa, e o professor cumpre o seu papel de educador.

A partir do que foi colocado tanto aqui, como nos capítulos anteriores, compreendo que a prática da G.A., no interior da escola, como um dos conteúdos das Educação Física escolar, pode ser de grande contribuição para o desenvolvimento global da criança de 1^a. a 4^a. série, mas podendo se estender também às séries subsequentes.

No entanto, muitas pessoas poderão alegar, assim como foi colocado no capítulo 2, com a pesquisa de Nista-Piccolo (1988) as dificuldades de se trabalhar a G.A. na escola. A falta de materiais e a técnica dos movimentos não são obstáculos se pensarmos como propõe Leguet (1987), e como é a adaptação da sua proposta feita pelo projeto Crescendo com a Ginástica. Isto é, os movimentos propostos por Leguet, que são o alicerce da G.A., são movimentos simples que não exigem técnica apurada nem materiais oficiais. São aqueles denominados “primeiros passos” (vide, p. 17) que são o saltar; o suspender-se; o equilibrar-se o rolar; etc.

As aulas poderão ser organizadas segundo um ou mais temas, que serão explorados até um objetivo final traçado, passando pelos três momentos propostos pela metodologia do P.C.G.: exploração, pistas e direcionamento. Por exemplo, tema da aula é saltar e rolar, a proposta pode ser trabalhada separadamente e depois combinando-as, os diversos modos de saltar com as diversas maneiras de rolar, até que se chegue ao objetivo final traçado, que poderia ser um mergulho (rolamento saltado).

A aplicação do P.C.G. na escola, no ensino fundamental, então, permeia basicamente dois pontos: a questão metodológica e a proposta das ações motoras de Leguet (1987). A partir destes dois pontos parece-me que a prática da Ginástica Artística na escola pode ser um momento motivante e de grandes descobertas para todos!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AIROLDI, Giovana P.S. A Ginástica Artística e o Desenvolvimento Motor da Criança. F.E.F.-UNICAMP. Trabalho de Iniciação Científica financiado pelo S.A.E., 1995.
2. COLETIVO DE AUTORES Metodologia do Ensino de Educação Física. Série Formação do Professor, Cortez, S.P., 1992.
3. FREIRE, JOÃO B. Educação de Corpo Inteiro - Teoria e Prática da Educação Física. Editora Scipione, S.P., 1991.
4. GUISELINI, Mauro A. A Matroginástica para pais e filhos. C.L.R. Baleiro, São Paulo, 1985.
5. LEGUET, Jacques As Ações Motoras em Ginástica Esportiva. Editora Manole LTDA, S.P., 1987.
6. MORAIS, Regis de (org.) Sala de aula: que espaço é esse? Papirus, Campinas, 1996.
7. MOREIRA, Wagner Wey (0rg.) Corpo Pressente. Papirus, Campinas, 1995.

8. NISTA-PICCOLO, V.L. (Org.) Projeto Crescendo com a Ginástica, Departamento de Educação Motora, Faculdade de Educação Física - UNICAMP, 1993.
9. ROOCKIE COACHES Gymnastic Guide. Human Kinetics Publishers, Champaign, Illinois, 1992.
10. SALGADO, Marlene. Lúdico: prazeres, conflitos e reflexões. FEF - UNICAMP. Monografia de Curso de Especialização em Educação Física Escolar, 1991.
11. SANTOS, Marcelo G.S. Considerações de Vygotsky e sua aplicação na Educação Física Escolar. FEF- UNICAMP. Monografia do Curso de Especialização em Educação Motora, 1993.
12. Visão Didática da Educação Física - Análises críticas e exemplos práticos de aulas. Grupos de Trabalho Pedagógico UFPe UFSM. Ao livro Técnico, Rio de Janeiro, 1991.